

Nuances semânticas de reversão e negação canônica em formações verbais com o prefixo des-

Semantic nuances of reversion and canonical negation in verb formations with the prefix des-

Beatrice Nascimento Monteiro¹

RESUMO: neste artigo, buscamos analisar diferentes nuances semânticas que o prefixo des- pode assumir em formação verbais do português brasileiro sob a ótica da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Nossa proposta é que esse prefixo introduz uma significação de negação e que as diferentes nuances semânticas expressas estão associadas às configurações estruturais nas quais esse prefixo pode ser utilizado. Propomos que quando o prefixo des- é anexado externamente ao categorizador verbal, tem-se uma leitura de negação canônica. Defendemos, ainda, assumindo uma perspectiva composicional da significação verbal (RAMCHAND, 2008), que esse prefixo pode concatenar-se ao estado final em uma estrutura de evento complexo, denotando uma nuance de reversão a partir da negação do estado resultante do evento.

PALAVRAS-CHAVE: negação afixal; prefixo des-; morfologia distribuída.

ABSTRACT: in this paper, we analyze the different semantic nuances that the prefix des- can assume in Brazilian Portuguese verb formations from the perspective of Distributed Morphology (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997). Our hypothesis is that this prefix carries a negative meaning and that the different semantic nuances expressed are associated with the structural configurations in which this prefix can be used. We propose that when the prefix des- is externally attached to the verbal categorizer, we have a canonical negation reading. We further argue, assuming a compositional approach to verbal signification (RAMCHAND, 2008), that this prefix can concatenate with the final state in a complex event structure, denoting a nuance of reversion from the negation of the state resulting from the event.

KEYWORDS: affixal negation; prefix des-; distributed morphology.

1 Introdução

O *des-* é um dos prefixos mais estudados do português: há trabalhos diversos que analisam esse prefixo com objetivos distintos e através de diferentes perspectivas teóricas (cf. FIGUEIREDO SILVA; MIOTO, 2009; MEDEIROS,

¹ Professora da Universidade Estadual do Piauí. Doutoranda em Linguística pela Universidade de São Paulo. Mestre pela Universidade Federal do Piauí, beatricenasascimento@frn.uespi.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9180-886X>.

2010, 2016; BASSANI; MEDEIROS; SCHER, 2011; DE BONA, 2014; DE BONA; RIBEIRO; 2018, ARMELIM; MELO, 2018; PEREIRA, 2021; QUADROS, 2021).

Revisitando trabalhos anteriores, é possível constatar que esse prefixo parece ser capaz de expressar diferentes noções semânticas, como negação canônica² (*desonesto*), reversão (*desfazer*) e privação (*descamisado*). Diante disso, este trabalho busca analisar duas nuances semânticas que o prefixo *des-* pode expressar em formações verbais do português brasileiro (PB): as nuances de reversão e de negação canônica.

Em uma abordagem inserida no modelo da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997, 2001), nossa proposta é que o prefixo *des-* introduz uma significação de negação e as diferentes nuances semânticas que podem ser expressas através da introdução desse prefixo estão associadas às diferentes configurações estruturais nas quais o *des-* pode ser utilizado.

Assim, propomos que, quando o prefixo *des-* é concatenado externamente ao categorizador verbal, tem-se uma leitura de negação canônica. Propomos, ainda, assumindo uma perspectiva composicional da significação verbal (RANCHAMD, 2008), que esse prefixo pode concatenar-se ao estado final em uma estrutura de evento complexo, denotando uma nuance de reversão.

Este artigo está estruturado da seguinte maneira: primeiramente revisitamos trabalhos anteriores sobre o prefixo *des-*, abordando diferentes análises propostas para esse afixo; em seguida, a partir de dados da literatura sobre negação afixal, discutimos como os prefixos negativos podem estar associados a diferentes nuances semânticas; na sequência, discorremos sobre duas abordagens sintáticas no nível da palavra, as quais fundamentam a análise aqui proposta – o modelo teórico da Morfologia Distribuída e a abordagem composicional da significação verbal proposta por Ramchand (2008); finalmente, apresentamos nossa proposta de análise para a construção das

² Esse tipo de negação recebe diferentes nomes na literatura sobre negação afixal: negação simples, negação direta, negação pura ou simplesmente negação. Para os fins deste artigo, é importante utilizar um termo específico para essa negação de forma a diferenciá-la de outras noções semânticas que, em nossa perspectiva, também constituem nuances da negação no nível da palavra.

nuances semânticas de negação canônica e reversão em formações verbais com o prefixo *des-*.

2 Estudos anteriores sobre o prefixo *des-*

Como comentamos na Introdução deste artigo, o prefixo *des-* parece estar associado a diferentes noções semânticas. Esse fato tem sido explicado por, pelo menos, dois tipos de abordagem na literatura: i) trabalhos que assumem que estamos diante de um caso de homonímia, em que se considera que há diferentes prefixos que coincidentemente possuem a mesma forma fonológica /des/ – isso explicaria as diferenças semânticas observadas (FIGUEIREDO SILVA; MIOTO, 2009; SCHWINDT, 2001); ii) trabalhos que propõem uma abordagem unificada, de forma que se propõe que há um único prefixo *des-* associado a uma significação específica (MEDEIROS, 2010, 2016; DE BONA, 2014; DE BONA; RIBEIRO, 2018; QUADROS, 2021).

Discutimos, a seguir, dois trabalhos de interesse para a nossa proposta de análise: o trabalho de Figueiredo Silva e Mioto (2009), o qual assume que há homonímia; e o trabalho de Medeiros (2010, 2016), que propõe uma abordagem unificada para esse prefixo.

2.1 Figueiredo Silva e Mioto (2009): a hipótese de homonímia

Ao tecerem considerações sobre a prefixação, Figueiredo Silva e Mioto (2009) defendem a perspectiva de que os prefixos selecionam rigidamente as bases com as quais se combinam. Para esses autores, essa seleção abrange dois aspectos: a categoria e certos traços semânticos da base. Isto é, a seleção da base por prefixos envolve, portanto, c-seleção (seleção pela categoria) e s-seleção (seleção semântica).

Em defesa dessa perspectiva, os autores argumentam que a hipótese de que os prefixos selecionam a base (categorial e semanticamente) não representaria um custo adicional, já que a ideia de seleção já se aplica na sintaxe, na qual, por exemplo, verbos têm a propriedade de selecionar argumentos. Seria

o caso, apenas, de estender essa propriedade do nível sintático para outro nível gramatical (no caso, o morfológico)

A respeito da c-seleção, Figueiredo Silva e Mito exploram o comportamento dos prefixos *iN-* e *des-*. No caso do prefixo *iN-*, a hipótese é que esse prefixo c-seleciona apenas bases adjetivais como em *imóvel*, *infeliz* e *impossível*. Possíveis contraexemplos, citados pelos autores, seriam casos como *infelizmente*, *imobilizar*, *impossibilidade*. Contudo, como os autores ressaltam, nesse caso, as palavras formadas passam pelo estágio adjetival. Assim, o advérbio *infelizmente* é formado a partir do adjetivo *infeliz*; o verbo *imobilizar* é formado a partir do adjetivo *imóvel*; e o nome *impossibilidade* é formado a partir do adjetivo *impossível*. Nesses casos, a adjunção do prefixo *iN-* ocorre ainda no estágio adjetival da palavra.

A respeito do prefixo *des-*, Figueiredo Silva e Mito defendem a ideia de que esse prefixo também faz c-seleção. Um possível contra-argumento para essa afirmação é o fato de que existem verbos formados com o prefixo *des-*, como *desmobilizar* e *desfazer*, mas também adjetivos como *desleal* e *deselegante*. No entanto, os autores refutam esse contra-argumento, defendendo que, nesses casos, não se trata do mesmo prefixo *des-*, o que se justifica pela diferença na semântica expressa em cada formação.

Para eles, nas formas verbais, o sentido formado com a adjunção de *des-* é de reversão de um processo (*desfazer*, por exemplo, corresponde à reversão do processo denotado por *fazer*). Já nas formas adjetivais o sentido formado pelo acréscimo do *des-* é de negação da base (*desleal* é alguém não leal). Esse seria um exemplo de homonímia, com coincidência de forma entre prefixos diferentes (de semântica e requisitos categoriais distintos). Assim, os autores explicam a diferença de sentido entre formas verbais e formas adjetivais com *des-* através da hipótese de homonímia.

Os autores defendem, ainda, que prefixos que c-selecionam invariavelmente bases verbais também s-selecionam verbos que apresentem aspecto compatível à sua semântica. Para eles, é o que ocorre com o prefixo *des-*, o qual seria utilizado em formas verbais com o sentido de reversão. Esse prefixo, segundo os autores, não pode se combinar a verbos que não impliquem processos ou, ainda, que impliquem processos irreversíveis. Por isso, não teríamos

formações como **desnadar* (não implica processo) ou **desmorrer* (o processo implicado é irreversível)³. A explicação estaria na incompatibilidade semântica entre prefixo e aspecto denotado pela base.

A proposta de que o prefixo *des-* faz seleção semântica também é explorada por outros autores como De Bona (2014); De Bona e Ribeiro (2018) e Medeiros (2010; 2016) – que abordamos mais detalhadamente na subseção a seguir. Contudo, esses autores refutam a ideia de que esse prefixo faria também uma seleção categorial. Mais especificamente, eles questionam a hipótese defendida por Figueiredo Silva e Miotto (2009) de que existem dois prefixos homônimos *des-*, um com o sentido de reversão (o qual c-selecionaria verbos) e outro com o sentido de negação (que c-selecionaria adjetivos).

Como demonstrado por De Bona (2014) e De Bona e Ribeiro (2018), existe um conjunto de verbos formados com o prefixo *des-* cujo sentido formado não é de reversão. Os autores citam os exemplos de *desgostar*, *desamar* e *descrer*. Medeiros (2016), por sua vez, menciona os seguintes exemplos:

- (1) a. Maria *desrespeitou* seu pai hoje cedo.
- b. A empresa *descumpriu* o contrato e foi penalizada.
- c. O advogado *desconhecia* o destino de seu cliente.
- d. O pesquisador *desconsiderou* os dados obtidos no segundo teste.
- e. Pedro *desaconselhou* seu filho a passar a noite naquele hotel.
- f. O menino *desobedeceu* às instruções de segurança.

Como o autor destaca, nesses casos, a semântica expressa pelo prefixo *des-* parece próxima a de um simples não (*desrespeitou seu pai* ≈ *não respeitou seu pai*). Esses dados evidenciam que esse prefixo não necessariamente expressa a noção semântica de reversão em verbos, como afirmam Figueiredo Silva e Miotto (2009).

³ Ressaltamos que estamos usando, na descrição do trabalho, os termos utilizados pelos autores. No entanto, o termo “processo”, na literatura sobre aspecto/acionalidade, é frequentemente usado como correspondendo à “atividade”. Nessa acepção, *nadar* constituiria um processo (ou seja, uma atividade) e *morrer*, não.

Dados como os trazidos por De Bona (2014), De Bona e Ribeiro (2018) e Medeiros (2016) apontam para a possibilidade de se propor uma abordagem unificada para análise do prefixo *des-*, prescindindo da hipótese de homonímia. Discutimos, na subseção a seguir, uma abordagem desse tipo: a proposta de Medeiros (2010, 2016).

2.2 Medeiros (2010, 2016): uma abordagem unificada para o prefixo *des-*

Medeiros (2010, 2016) defende que o prefixo *des-* sempre introduz a ideia de negação, refutando, portanto, a hipótese de homonímia. O autor propõe que esse prefixo faz uma seleção semântica, combinando-se a verbos que pressupõem um estado, normalmente um estado consequente ou alvo do processo denotado pela forma verbal, isto é, o estado atingido na culminância do processo indicado pelo verbo.

A proposta de Medeiros (2010) é a de que o prefixo *des-* nega ou inverte esse estado alvo e não o próprio processo denotado pelo verbo, como sugerido por Figueiredo Silva e Miotto (2009). Isso explicaria porque o prefixo *des-* não se une a verbos que denotam simplesmente atividade, uma vez, nesses casos, não há um estado alvo ou resultante dessa atividade: é o caso de *correr*, *dançar* e *pular*, a partir dos quais não se formam **descorrer*, **desdançar* e **despular*⁴.

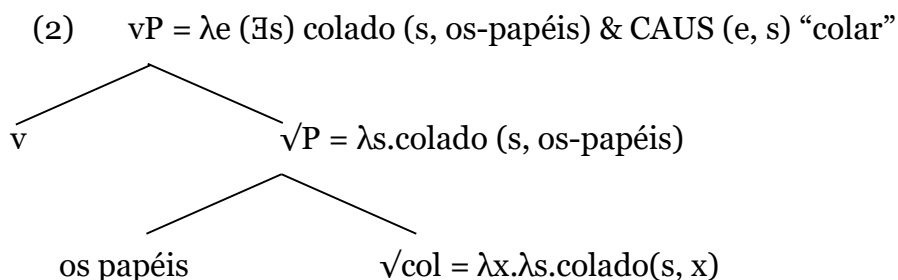
O autor propõe que *des-* realiza um núcleo de negação, tomando escopo sobre um estado interno sintaticamente representado. Em uma proposta inspirada na análise de Marantz (2006) para o prefixo *re-* do inglês, Medeiros defende que o prefixo *des-* modifica uma subeventualidade em uma estrutura de evento complexa, no caso, o estado alvo atingível por determinado processo.

Medeiros defende que o prefixo *des-* será licenciado em estruturas nas quais ou a raiz denota um estado-alvo atingido na culminância do processo indicado pelo verbo ou o verbo possui alguma predicação interna que denota um

⁴ Um apontamento semelhante é feito por Lieber (2005) em relação ao prefixo *un-* no inglês: a autora observa que o prefixo *un-* não se une a verbos cujo resultado é imutável ou permanente (**unexplode*). Esse prefixo também não se une a verbos que não implicam uma noção de trajetória de um lugar/estado inicial para um lugar/estado final. Por esse motivo, não se formam palavras como **unwalk* ou **unrun*, que denotam atividade, não implicando uma trajetória que progride de um lugar/estado inicial para um lugar/estado final.

estado-alvo, atingido ao final do processo. O prefixo atuará modificando esse estado, de forma a invertê-lo ou negá-lo.

Como exemplo, Medeiros toma o verbo *colar*. O autor propõe a estrutura representada em (2) para essa forma verbal em sua versão incoativa:



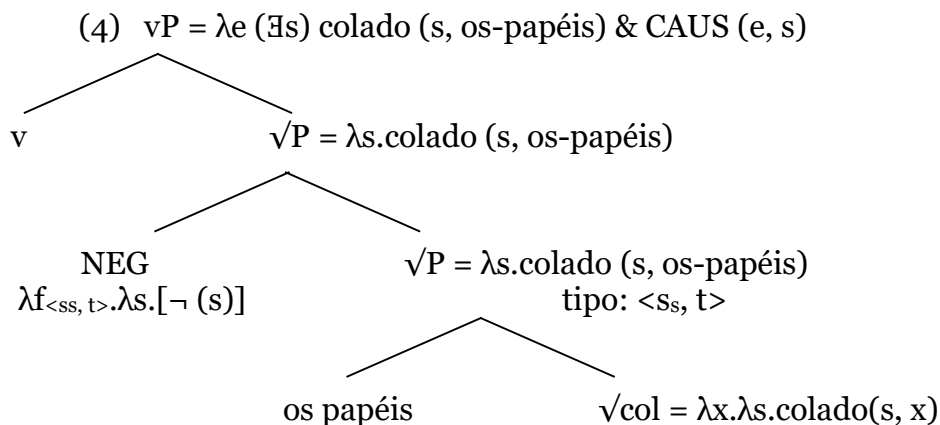
O autor explica que, nesse caso, a raiz denota um estado que pode ser parafraseado como “colado” e introduz uma variável de estado (s) na estrutura sintática. A raiz também introduz uma posição que deve ser preenchida por uma entidade. Quando o núcleo verbalizador é concatenado ao sintagma raiz, efetua-se uma relação de causação ou implicação entre o evento introduzido pelo verbalizador e a eventualidade introduzida pela raiz. Assim, a estrutura representada em (2) demonstra que um evento ou atividade, não especificados pelo verbo, produzem ou causam, em sua culminância, um estado em que os papéis estão colados.

Em (2), a última camada antes da concatenação do núcleo verbalizador caracteriza uma função de tipo semântico $\langle s_s, t \rangle$: eventualidade em valor-verdade. O s é usado por Medeiros para indicar que a eventualidade é do tipo de estado, e não de evento (o qual se caracteriza como dinâmico). Assim, o autor propõe, para o prefixo *des-*, a definição semântica apresentada em (3).

$$(3) \text{ [[NEG]]} = \lambda f \langle s, t \rangle . \lambda s. [\neg f(s)]$$

De acordo com essa definição semântica, a proposta de Medeiros é que o prefixo *des-* só poderá concatenar-se a um nó cujo tipo semântico associado seja $\langle s_s, t \rangle$, independentemente de sua categoria gramatical. A partir dessa definição

semântica para o prefixo *des-*, Medeiros propõe a estrutura (4) para *descolar os papéis*:



Segundo Medeiros, o prefixo *des-* não pode, pelo menos em casos como esse, tomar escopo sobre o *vP*, pois este introduz um evento, que é uma categoria semântica incompatível com a definição que foi dada a *NEG*, conforme representado em (3).

Essa perspectiva explica por que o prefixo *des-* não se une a verbos como *trabalhar* ou *pular*. O único núcleo disponível para concatenação do prefixo *des-* seria o *vP*, o qual introduz uma noção semântica de tipo incompatível com o tipo selecionado pelo núcleo *NEG* (a noção introduzida é de evento/processo, e não de estado). Existe, portanto, uma incompatibilidade semântica.

Essa incompatibilidade ocorre também em verbos que causam uma eventualidade dinâmica (e não estativa) como girar e rodar, por exemplo. Por isso, não temos formações como **desgirar* ou **desrodar*.

Em trabalho posterior sobre os prefixos *des-* e *re-* (MEDEIROS, 2016), o autor, diferentemente do que havia proposto anteriormente (MEDEIROS, 2010), propõe que a raiz não introduz, por si mesma, uma variável de estado, mas que o sintagma raiz, em LF, passa a denotar uma função que relaciona estados a valores de verdade por conta das propriedades seletivas do prefixo, ou do núcleo verbalizador, em caso de ausência do prefixo. Somente um sintagma raiz com um complemento será compatível com o prefixo *des-*, uma vez que um estado é sempre um estado de algo.

O autor cita o exemplo de *destampar o ralo*. Nesse caso, o sintagma raiz contém a raiz de *tampar* e o complemento do verbo: o ralo. O prefixo *des-* concatena-se ao sintagma raiz, estabelecendo que esse sintagma denotará um estado do ralo (o estado “tampado”) e negará esse estado. O núcleo verbalizador, por sua vez, introduzirá o evento que resulta no estado alvo atingido pelo complemento: o estado “não tampado”.

Para casos como os citados na subseção anterior, em (1), isto é, verbos nos quais a contribuição semântica do prefixo *des-* é análoga a de um “não”, Medeiros (2016) mantém a mesma proposta: trata-se do mesmo prefixo, com a mesma significação de negação. Para ele, o que gera a diferença de sentido são as propriedades acionais dos verbos envolvidos.

Em suma, Medeiros propõe uma abordagem unificada, na qual o prefixo *des-* sempre introduz ideia de negação e é inserido em um lugar específico da estrutura, uma vez que, nessa perspectiva, o prefixo toma escopo sempre em um estado sintaticamente representado.

Acreditamos, no entanto, que há motivações para propor configurações estruturais diferentes para os casos em que o verbo indica uma espécie de reversão (como *desorganizar*) e para os casos que estamos chamando de negação canônica, como os apresentados em (1).

Enquanto em casos como *desorganizar*, a negação recai sobre apenas parte da significação verbal (se considerarmos que *desorganizar* significa algo como *tornar não organizado*, como propõe Medeiros), em casos como *desrespeitar*, a negação recai sobre a significação verbal por inteiro.

Além disso, os casos de formações verbais que apresentam a nuance de negação canônica são bastante semelhantes aos casos de formações adjetivais e nominais que expressam essa mesma nuance (como *desleal* e *desprazer*), tanto em termos semânticos quanto em termos morfossintáticos.

Em termos semânticos, tanto verbos como *desconhecer* quanto adjetivos e nomes como *desleal* e *desprazer* correspondem a uma negação global e direta, a qual, para fins de descrição, estamos parafraseando como *não X*.

Além disso, como observou Medeiros (2016), o prefixo *des-* é não recursivo em adjetivos e nomes (**desdesleal*, **desdestemor*), o que também ocorre em formações como as mencionadas em (1) (**desdesrepeitar*, **desdescumprir*).

Assim, existe um comportamento análogo dessas formações que acreditamos que é motivado por razões estruturais.

Na próxima seção, discorreremos sobre como dados como os que discutimos nesta seção podem ser vistos à luz do que se tem observado na literatura existente sobre negação afixal.

3 Negação afixal

A negação é um fenômeno comum às línguas, sendo, contudo, bastante heterogênea em sua realização. A operação de negação pode ser realizada através de diferentes expedientes linguísticos. No nível da formação de palavras, realiza-se a chamada negação de baixo escopo (DE CLERCQ, 2020), a qual é realizada por meio de afixos. Esse tipo de negação também é denominado de negação morfológica, negação lexical, ou, ainda, negação afixal, termo que adotamos neste trabalho.

Cartoni e Leffer (2011) destacam que há diferentes processos de formação de palavras que podem ser utilizados para cunhar itens lexicais de valor negativo: prefixação (*unhappy*), sufixação (*powerless*), composição (*sugar-free*) e conversão (*to dust* “*remove the dust*”). Os autores destacam que os processos utilizados variam entre as línguas. Assim, por exemplo, o PB não possui registro de sufixos de valor negativo, diferentemente de outras línguas, como o inglês (que possui o sufixo *less*, por exemplo).

A negação afixal é definida por Cartoni e Leffer (2011, p. 796, tradução nossa) como “um conjunto de processos morfológicos que podem ser usados para cunhar lexemas negativos com uma gama de sub-significações diferentes⁵”. Entre essas sub-significações, com base em dados do inglês, francês e italiano, os autores mencionam as seguintes nuances: negação contraditória (na qual a oposição é exaustiva, de modo que a negação de um pólo recai no outro pólo da oposição – *American/non American*), negação contrária (em que a oposição não é exaustiva, de modo que é possível existir meio termo entre os opostos –

⁵ No original, “a set of morphological processes that can be used to coin negative lexemes with a range of different sub-meanings”.

happy/unhappy), privação (em que o prefixo expressa falta ou ausência de uma entidade implicada pela base – *order/disorder*), reversão (na qual o prefixo expressa inversão do processo indicado pela base – *doing/undoing*), remoção (em que a adição do prefixo forma verbos com o sentido de remover uma entidade implicada pela base – *defoliate*) e oposição (em que o prefixo expressa uma denotação de oposição em termos de ação ou ideologia em relação à base – *terrorist/antiterrorist*).

Essa ideia de que a negação afixal comporta uma pluralidade de sub-significações também aparece em outros estudos sobre negação afixal como o de Joshi (2012), que se baseia em dados do inglês, francês, sânscrito e marata. A autora destaca que a negação afixal não é homogênea, comportando várias nuances semânticas. Assim, esse tipo de negação permite capturar diferentes “tons” da negação.

Joshi (2012) divide a negação afixal em dois grandes grupos: negação direta e negação indireta. Segundo a autora, “a negação direta é caracterizada pela presença do elemento NOT na forma derivada em relação à base” (JOSHI, 2012, p. 53, tradução nossa)⁶. Assim *unhappy* pode ser parafraseado como *NOT happy*; *non white* como *NOT white* e assim por diante. Ela destaca que os esses casos são diferentes de formações como *infamous*, por exemplo, que não pode ser caracterizado como *NOT famous*: *infamous* não é alguém que não é famoso, mas sim alguém cuja fama é ruim ou desagradável. Esses casos são considerados por Joshi como sendo exemplos de negação indireta.

A negação indireta, para a autora, corresponde à negação de uma conotação específica da base e não da base como um todo, como na negação direta. Joshi (2012) identifica nove subtipos de negação indireta: reversão de direção, reversão de ação, remoção, oposição, pejoratividade, inferioridade, insuficiência, maleficência, abundância

Como podemos observar pelos trabalhos de Cartoni e Leffer (2011) e Joshi (2012), a literatura sobre negação afixal tem elencado diferentes nuances semânticas associadas a esse tipo de negação. Entre essas nuances, a semântica

⁶ No original, “Direct negation is characterized by the NOT element in the derivative with respect to its base”.

de reversão é reiteradamente apontada (cf. CARTONI; LEFFER, 2011; JOSHI, 2012; LIEBER, 2004).

Esses estudos, baseados em dados de diferentes línguas (inglês, francês, italiano, sânscrito e marata), fornecem evidências de que a reversão constitui não uma noção semântica completamente distinta da negação, mas uma nuance da mesma. Essas evidências enfraquecem a hipótese de que, no PB, há dois prefixos homônimos *des-*, um que expressa reversão e outro que expressa negação, uma vez que essa hipótese desvincula semanticamente as noções de reversão e de negação.

Além disso, a homonímia é considerada um fenômeno acidental, assistemático e os dados presentes na literatura sobre negação afixal indicam que reiterada e sistematicamente a noção de reversão é expressa por prefixos negativos, como ilustram os prefixos *un-* do inglês e *de-* do francês.⁷

Sendo assim, afastando-nos da hipótese de homonímia, neste trabalho concebemos a reversão como uma nuance semântica associada, de forma sistemática, à negação afixal. Acreditamos que a emergência da nuance de reversão ou de negação canônica está associada a configurações da estrutura formada.

Como embasamento dessa perspectiva, este trabalho fundamenta-se em duas abordagens sintáticas para a formação de palavras, nomeadamente, o modelo da MD e a perspectiva composicional da significação verbal de Ramchand (2009). Através de uma proposta que une essas duas abordagens, acreditamos que é possível explicar as diferentes nuances que o prefixo *des-* pode assumir em formações verbais, considerando que esse prefixo pode tomar os diferentes escopos nessas estruturas.

⁷ Um dos pareceristas do artigo apontou que o Inglês ilustra que as noções de negação e reversão podem ser dissociadas em afixos distintos, tendo em vista que *un-* é associado à reversão no domínio verbal, ao passo que *dis-* é mais associado à negação canônica. No entanto, acreditamos que isso não vai contra a proposta de que estamos diante de prefixos negativos nos dois casos, tanto que o prefixo *un-* também é associado à negação em formas adjetivais (como *unhappy*) e nominais (como *untruth*). Além disso, os participípios de verbos formados com *un-* também podem apresentar nuance de negação canônica, o que demonstra que essas noções não estão totalmente dissociadas nesse caso.

4 Abordagens sintáticas para a formação de palavras

A proposta de análise empreendida neste artigo toma por base dois modelos sintáticos para formação de palavras: o modelo da MD e a abordagem composicional da significação verbal proposta por Ramchand (2008). Nas subseções a seguir, discorreremos sobre cada uma dessas abordagens.

4.1 O modelo da Morfologia Distribuída

A MD constitui um dos desenvolvimentos mais recentes da Teoria Gerativa e foi introduzida por Halle e Marantz (1993) em uma publicação que se tornou seminal. Trata-se de um modelo não lexicalista, isto é, que não opera com o léxico como componente gerativo.

Para a MD, o único componente de caráter gerativo da gramática é a Sintaxe, de forma que sentenças e palavras são geradas pelo mesmo componente e através da atuação das mesmas operações: *merge* (concatenar) e *move* (mover).

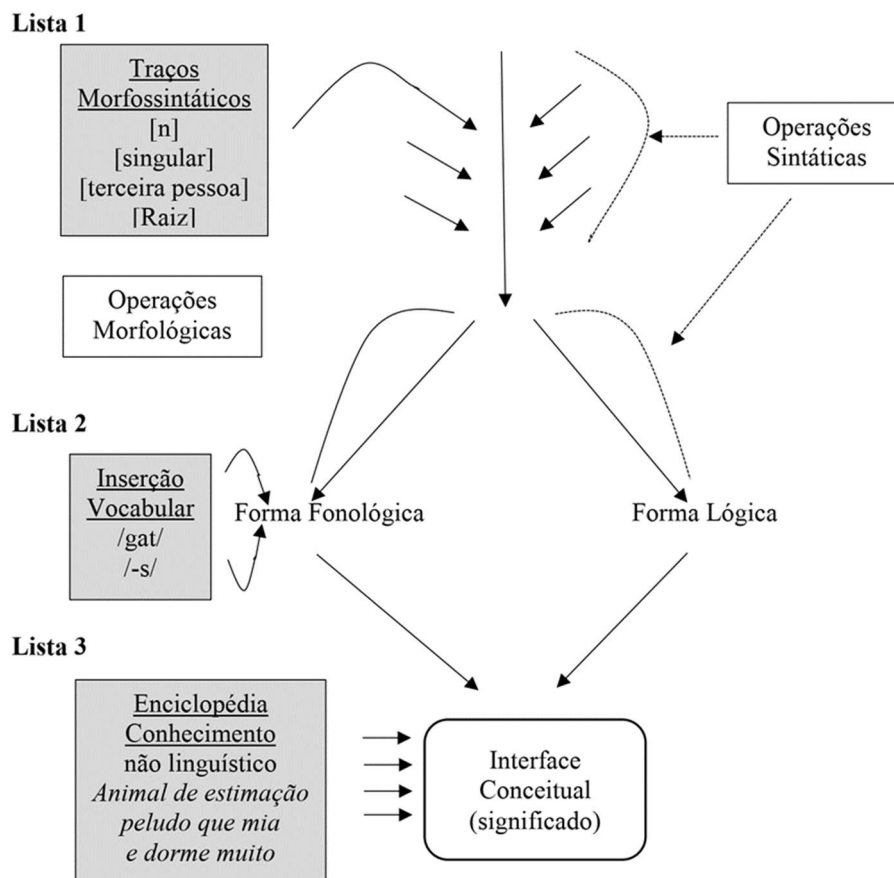
Como ressaltam Scher, Bassani e Minussi (2013), embora a MD não proponha a existência de um léxico no viés dos modelos lexicalistas (isto é, de um componente que permita a formação e o armazenamento de palavras anteriormente às operações sintáticas), o modelo não desconsidera a possibilidade de que determinadas informações sejam armazenadas ou listadas (propriedade característica do léxico, como tradicionalmente concebido).

O que a MD faz, todavia, é uma distribuição dessas informações, tradicionalmente associadas ao léxico, em três diferentes listas. Nos dizeres de Acquaviva (2008), uma espécie de “fatorização” do léxico em listas, as quais são acessadas apenas no momento oportuno da derivação. Assim, “A Morfologia Distribuída explode o Léxico e inclui uma série de listas não computacionais distribuídas em substituição ao Léxico” (MARANTZ, 1997, p. 203, tradução nossa)⁸.

⁸ No original, “Distributed Morphology explodes the Lexicon and includes a number of distributed, non-computational lists as Lexicon-replacements” (cf. MARANTZ, 1997, p. 203).

A arquitetura da gramática proposta pela MD, com suas três listas, está representada na Figura 1.

Figura 1 – Arquitetura da Gramática no modelo MD



Fonte: Armelin (2015, p. 15), adaptado de Siddiqi (2009, p. 14)

A Lista 1 contém os primitivos com os quais a Sintaxe opera, “as raízes atômicas da língua e os feixes de traços gramaticais” (MARANTZ, 1997, p. 203, tradução nossa)⁹. Para Marantz (1997), essa é a lista que substitui mais diretamente o Léxico. Por esse motivo, também é chamada de “Léxico estrito” ou “Léxico reduzido” (*narrow Lexicon*) ou ainda de “Léxico puro” (*pure Lexicon*).

Através das operações de *merge* e *move*, a Sintaxe manipula os primitivos (raízes e feixes de traços) da Lista 1, gerando um conjunto de nós terminais

⁹ No original, “the atomic roots of the language and the atomic bundles of grammatical features” (MARANTZ, 1997, p. 203).

sintáticos. Essa estrutura sintática é enviada para a atuação de um mecanismo denominado Inserção de Vocabulário (*Vocabulary Insertion*). A atuação desse mecanismo implica o acesso à Lista 2, chamada de Vocabulário (*Vocabulary*). A Lista 2 é constituída por um conjunto de regras que ligam conteúdo fonológico a estruturas sintáticas. Essas regras são denominadas de Itens de Vocabulário (IVs). É através da Inserção de Vocabulário que a estrutura sintática formada recebe expoente fonológico.

Por fim, ocorre o acesso à Lista 3, a Enciclopédia. Essa lista contém entradas que vinculam as estruturas geradas pela Sintaxe a significados especiais, que variam de língua para língua. As entradas da Enciclopédia relacionam-se ao conhecimento extralinguístico do falante, como, por exemplo, o fato de “gato ser um animal de estimação peludo”.

Na subseção a seguir, descrevemos outra abordagem sintática que embasa a análise apresentada neste artigo, a decomposição da significação verbal proposta por Ramchand (2008).

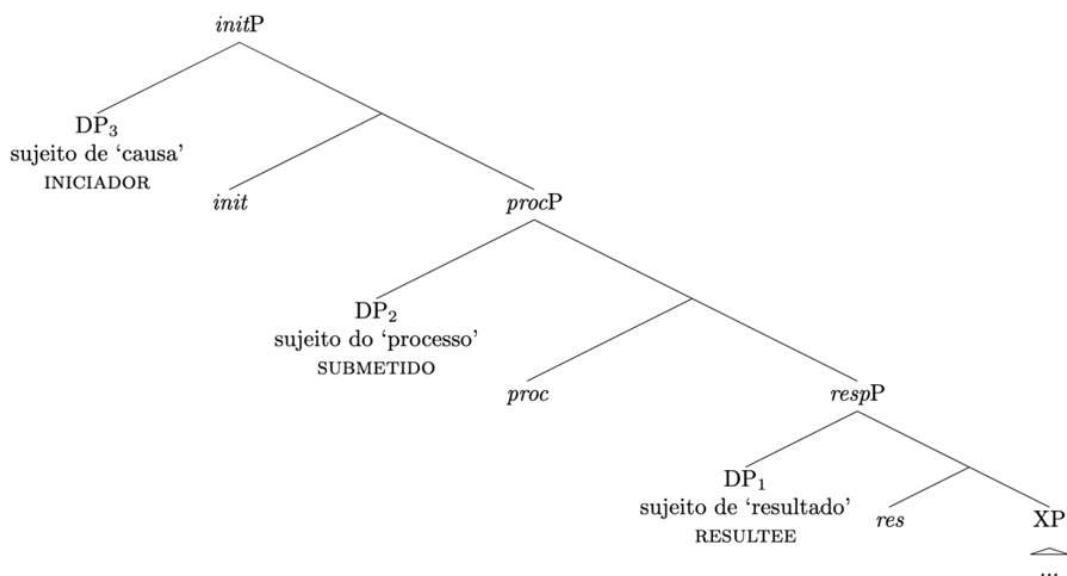
4.2 A abordagem composicional da significação verbal de Ramchand (2008)

Ramchand (2008) parte da premissa de que os eventos precisam ser representados na semântica verbal de modo a se obter generalizações adequadas sobre o significado dos verbos nas línguas naturais. A autora busca estabelecer associações entre as representações semânticas composicionais e as representações sintáticas, considerando que elas se relacionam de forma sistemática e previsível. Para isso, a autora representa o que ela denomina como “Sintaxe de primeira fase”, a qual teria precedência em relação a outras computações sintáticas verbais como, por exemplo, de concordância, checagem/marcação de caso.

Na proposta de Ramchand, há três primitivos aspectuais para a composição da significação verbal: iniciação [init], processo [proc] e resultado [res]. Esses primitivos procuram captar a intuição de que o falante percebe os eventos como iniciados ou desencadeados por algo que causa um processo que, por fim, culmina em um dado resultado. Cada um desses primitivos (iniciação,

processo e resultado) corresponde a um subevento e é representado na estrutura sintática como um núcleo, conforme está representado na Figura 2.

Figura 2 – Decomposição da significação verbal (RAMCHAND, 2008)



Fonte: Moreira (2021, p. 15) adaptado de Ramchand (2008, p. 9)

Os núcleos projetam posições de especificadores e cada especificador corresponde ao sujeito de cada um dos subeventos. O especificador da projeção *initP* é o INICIADOR, o sujeito de causa, responsável por desencadear o processo. Já o especificador da projeção *procP* é o SUBMETIDO, o sujeito do processo, isto é, aquele que vai sofrer a mudança que foi desencadeada pelo iniciador. Por fim, o especificador da projeção *respP* corresponde ao RESULTADO do evento.

A posição de complemento pode ser ocupada por modificadores que, segundo Ramchand, podem ser de dois tipos: trajetória (PATH) e remas (RHEMES). O fato de a trajetória ser delimitada ou não delimitada é, segundo a autora, o que diferencia predicados verbais de *accomplishment* de verbos de atividade. Predicados verbais de *accomplishment* possuem uma trajetória delimitada enquanto predicados verbais de atividade não o possuem.

Aliando a proposta de decomposição da semântica verbal de Ramchand (2008) ao modelo da MD, apresentamos uma proposta de análise que busca explicar como se constroem as nuances semânticas de negação canônica e

reversão através do acréscimo do prefixo *des-* em formações verbais do PB. Essa proposta é detalhada na seção a seguir, na qual também apresentamos alguns exemplos de formação de cada uma dessas nuances.

5 Proposta de análise

Em nossa análise, considerando as evidências levantadas pela literatura sobre negação afixal, refutamos a hipótese de que existiriam prefixos homônimos *des-* no PB, um que se associa à reversão e outro, à negação. Em contraposição a essa perspectiva, propomos uma abordagem unificada, defendendo que há um único prefixo *des-* que funciona como um modificador, introduzindo a semântica de negação (NEG) ao se concatenar a uma dada estrutura.

Tomando como base o modelo teórico da MD, propomos que reversão e negação canônica constituem não noções semânticas distintas, mas nuances de uma significação em comum, a de negação. A formação de uma ou outra nuance é dada pela posição que o prefixo ocupa na estrutura sintática.

Nossa proposta, nesse sentido, aproxima-se da análise de Lieber (2004) para os prefixos negativos do inglês, a qual defende que esses afixos não são polissêmicos, podendo indicar diferentes noções como negação, reversão e privação. O que há, na perspectiva da autora, é uma polissemia construcional: as diferentes nuances emergem das construções formadas, mas os prefixos expressam sempre a mesma semântica – a de negação. Uma ideia semelhante também está presente em trabalhos como o De Bona (2014) e De Bona e Ribeiro (2018), embora inseridos em modelos teóricos distintos do que utilizamos neste trabalho.

Contudo, para Lieber (2004) e De Bona (2014), essa polissemia construcional seria dada pela interação entre a semântica subjacente do prefixo e a semântica subjacente da base. Em nossa proposta, consideramos que as diferentes nuances semânticas formadas estão relacionadas às diferentes configurações estruturais nas quais o prefixo *des-* pode ser utilizado.

Em nossa proposta, a partir de uma perspectiva sintática de formação de palavras, defendemos que esse prefixo pode tomar diferentes escopos na formação, negando diferentes partes da estrutura. Acreditamos, assim, que essa

proposta apresenta um ganho em termos de cobertura de dados empíricos da verbos formados com o prefixo *des-* ao permitir explicar a natureza morfossintático-semântica distinta de formações que expressam a nuance de reversão (como *desalinhar*) e formações que expressam a nuance de negação canônica (como *desrespeitar*).

Esta análise, portanto, complexifica a divisão dos marcadores negativos entre marcadores de amplo e baixo escopo para caracterizar, respectivamente, a negação sentencial e a negação afixal. Para além da diferença entre esses dois tipos de negação, propomos que pode haver também diferença de escopo dentro da própria negação afixal, com a negação podendo ocorrer em diferentes posições da estrutura sintática da palavra.

Nas subseções a seguir, descrevemos como é formada cada uma dessas nuances e como elas podem ser explicadas em termos estruturais tomando por base o modelo da MD e a abordagem decomposicional da significação verbal de Ramchand (2008).

5.1 A nuance de reversão

Em nossa proposta, defendemos que a reversão é uma nuance semântica que emerge da negação de um estado resultante em uma estrutura de evento complexo. Para que essa nuance ocorra, portanto, é necessário que a formação atenda a, pelo menos, duas condições:

- a) Exista uma estrutura de evento complexo que implique em um estado resultante, ou seja, um predicado verbal de *accomplishment* ou de *achievement*.
- b) Esse estado precisa ser reversível. Caso contrário, a formação é degradada.

A condição a) é necessária, pois, em caso contrário, não há estado resultante a ser negado. Não é possível formar a nuance de reversão a partir do verbo *chorar*, por exemplo, pois o verbo não culmina em nenhum resultado.

A condição b) é necessária, pois se o estado não puder ser revertido, a concatenação do prefixo *des-* dá origem a uma estrutura mal-formada. Assim, verbos como *nascer* e *morrer* denotam eventos que não podem ser revertidos (**desnacer* e **desmorrer*¹⁰).

A paráfrase para esse tipo de negação corresponde a algo como *tornar não X*. Assim, por exemplo, enquanto *conectar* corresponde a algo como *tornar conectado*, o prefixo *des-* introduz uma negação do resultado e forma algo como *tornar não conectado*.¹¹

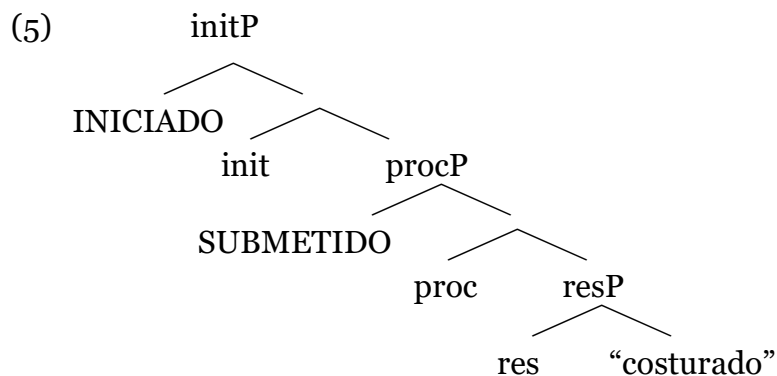
Essa proposta compartilha semelhanças com a análise de Pesetsky (1985) para o prefixo *un-*. O autor afirma que esse prefixo em uma frase como “Paul *unloaded* the car” não se aplica ao verbo como um todo negando o evento, mas apenas ao resultado.

A análise também compartilha elementos em comum com a proposta de Medeiros (2010; 2016), apresentada anteriormente. No entanto, diferentemente do autor, nossa análise baseia-se em uma perspectiva decomposicional da significação verbal, nos moldes do que foi proposto por Ramchand (2008). Seguindo a perspectiva delineada pela autora, defendemos que o prefixo, nessa nuance semântica, toma escopo sobre o resultado em uma estrutura verbal de *accomplishment* ou de *achievement*. A seguir, representamos como isso se dá tomando como exemplo o verbo *descosturar*.

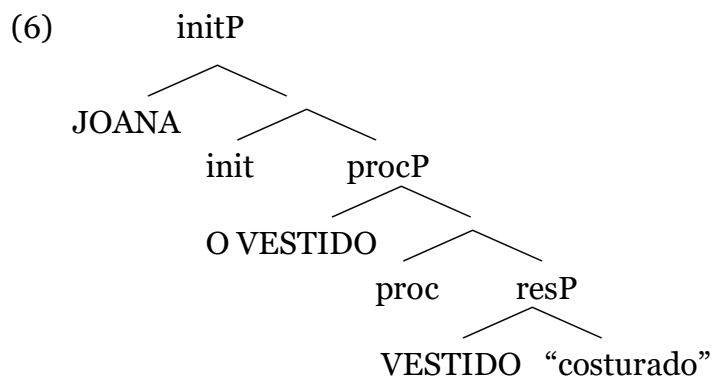
Na proposta de Ramchand, um verbo como *costurar* pode ser representado por uma estrutura como a representada em (5).

¹⁰ Um dos pareceristas questionou se a existência de *ressuscitar* não contrariaria a ideia de que morrer é um evento irreversível. No entanto, ao nosso ver, ressuscitar corresponderia a um evento que pressupõe a morte, mas, no entanto, não a reverte.

¹¹ Um dos pareceristas apresentou o argumento presente em Ribeiro (2014) de que é possível falar algo como “O lago descongelou um pouco”, caso em que, ao final do evento, o lago não estará não congelado, apenas parcialmente descongelado. No entanto, acreditamos que esse dado não invalida a proposta, afinal o estado-alvo do evento é mantido (“descongelado”), ainda que ele não tenha sido atingido. Algo semelhante acontece se eu afirmar que “O lago congelou um pouco”. Ao final do evento, o lago não estará totalmente congelado. Ainda assim, o estado-alvo do evento denotado pelo verbo ainda é “congelado”.

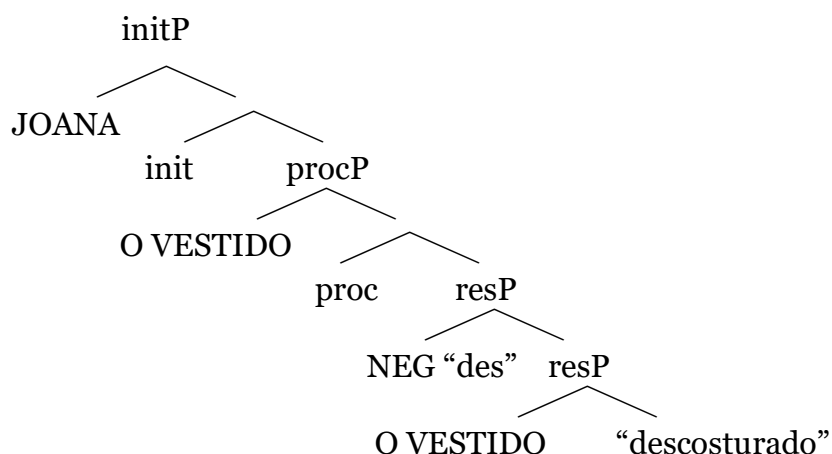


Assim, em uma frase como “Joana costurou o vestido”, teríamos algo como a estrutura representada em (6).



Nossa proposta é que a introdução do prefixo *des-* ocorre internamente à predicação verbal, de forma que esse prefixo toma escopo sobre o resultado do evento, negando-o. Assim, uma frase como “Joana descosturou o vestido” poderia ser representada como a estrutura que está em (7).

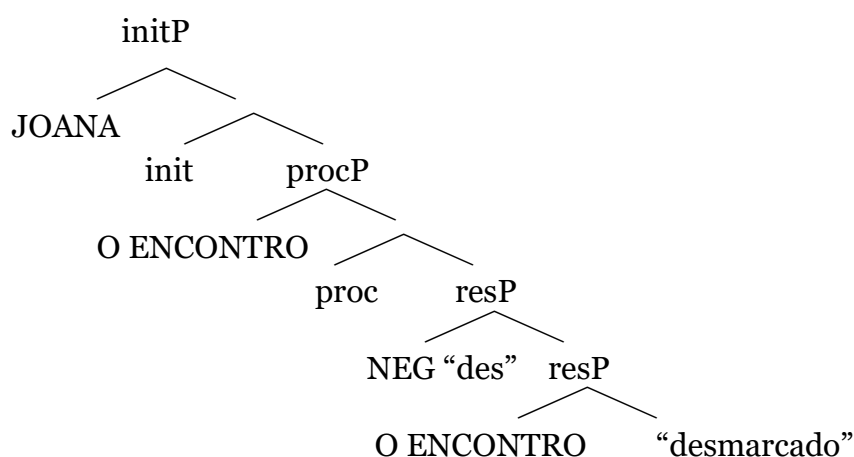
(7)



Nessa perspectiva, a reversão constitui uma nuance da negação que corresponde a uma negação mais interna, que toma escopo sobre o resultado do evento.

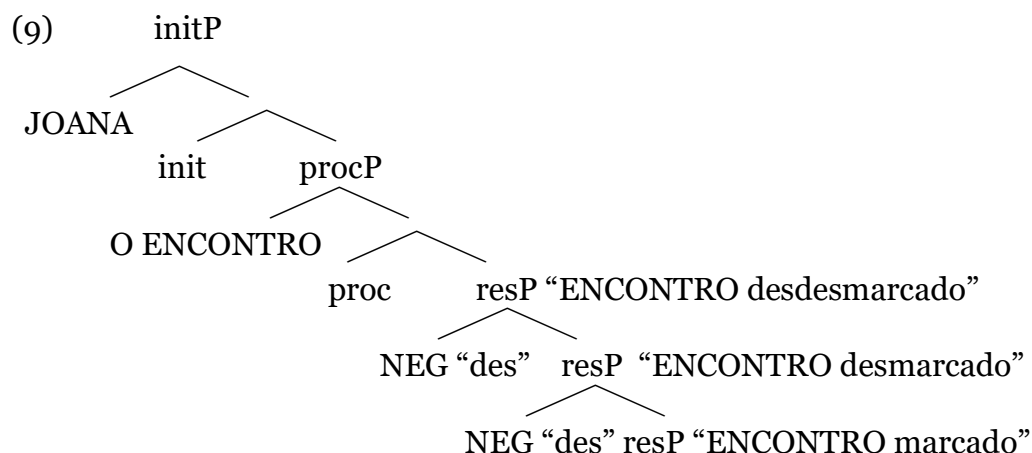
Uma vantagem dessa proposta é que ela fornece uma via de explicação para recursividade. Tomemos uma frase como "Joana desmarcou o encontro". Em nossa proposta, a frase poderia ser representada pela seguinte estrutura:

(8)



Agora, suponhamos que Joana mudou de ideia e resolveu manter o encontro. Nesse caso, poderíamos dizer que Joana *desdesmarcou* o encontro. Em

nossa proposta, poderíamos explicar essa eventualidade por meio de uma dupla modificação do resultado, como representado em (9).



A estrutura em (9) busca representar o fato de que a eventualidade denotada por *desdesmarcar* implica em um resultado que é duplamente modificado: o evento é desmarcado e, depois, desdesmarcado.

Na subseção a seguir, tratamos da outra nuance semântica que interessa a este trabalho, a nuance de negação canônica.

5.2 A nuance de negação canônica

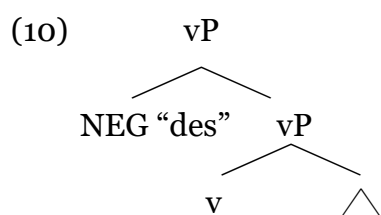
Negação canônica corresponde ao que é tradicionalmente concebido como negação, a qual, para fins de sistematização, parafraseamos como *não X*¹². É o que ocorre em verbos como *desconhecer* e *desconsiderar*.

A negação canônica corresponde à visão *standard* de negação, o que motivou autores como Figueiredo Silva e Mioto a reservarem o termo “negação” somente para casos como esse, em que se tem uma paráfrase como *não X*. Nessa negação, o valor semântico é mais próximo daquele obtido na negação sentencial, como a paráfrase apresentada evidencia.

¹² Ressaltamos que as paráfrases são utilizadas em nosso trabalho, mas para fins de sistematização e representação. Aronoff (1976) faz uma breve ressalva para esclarecer que as paráfrases, em seu trabalho, não devem ser tomadas como significativas em termos teóricos. Acreditamos que paráfrases tendem a ser imperfeitas, no entanto, fazem-se necessárias muitas vezes quando se aborda o significado de palavras.

A nossa proposta é que, em formações verbais, para construção dessa nuance semântica da negação, o prefixo é anexado com escopo mais alto do que na nuance de reversão, externamente a base verbal já categorizada, de forma análoga ao que ocorre em adjetivos – o que explica a semelhança, em termos de morfossintáticos e semânticos, entre verbos e adjetivos nesse caso.

A estrutura da nuance de negação canônica em formações verbais está representada em (10).

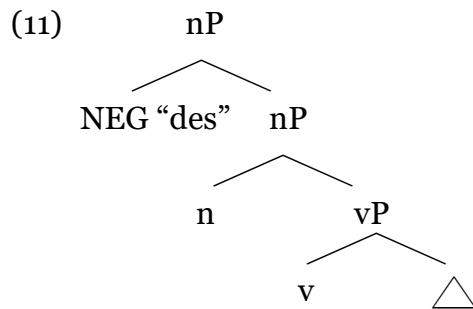


Nessa nuance de negação, portanto, o prefixo é mais externo e mais alto do que na nuance de reversão. Isso explica por que, nesse caso, a eventualidade como um todo é negada, e não apenas um elemento interno à significação verbal.

Nas formações em que ocorre negação canônica, diferentemente daquelas em que se forma a nuance de reversão, a recursividade não é possível, nem em formações verbais, nem em formações adjetivais e nominais (**desdesrespeitar*, *desdesleal*, **desdesprazer*)¹³. O prefixo *des-* em escopo mais alto parece ter restrições quanto à recursividade. A justificativa, para isso, no entanto, precisará ser mais bem delineada por pesquisas futuras.

Uma evidência a favor da ideia de que são necessários diferentes lugares na estrutura para concatenação do *des-* de forma a explicar as diferentes configurações morfossemânticas que podem ser obtidas é o caso de nominalizações como *despreparo*, que corresponde a um “não preparo” e não à reversão do ato de preparar. Assim, em nossa proposta, a explicação para o significado específico de *despreparo* está na configuração dessa nominalização, na qual o prefixo *des-* é anexado externamente à nominalização, funcionando, assim, como uma negação canônica, como representado em (11).

¹³ A recursividade, em nomes, parece ser possível apenas em alguns casos de nomes deverbais como *desdesconstrução*. Ainda assim, nesse caso, a nuance formada é de reversão, e não a negação canônica.



Isso explica a diferença entre nominalizações como *despreparo* em que a semântica formada é de negação canônica e outras como *desajuste*, em que o sentido formado é de reversão, com a negação sendo interna à camada verbal da nominalização.

Ressaltamos ainda que, enquanto a negação canônica é a nuance que tipicamente é observada em adjetivos com *des-*; em formações verbais, ela é menos frequente. Acreditamos que essa nuance só ocorre com verbos que não possuem um estado resultante a ser negado (verbos estativos, como *desgostar* e verbos de atividade, como *descumprir*) ou, ainda, verbos que possuem um estado resultante irreversível (como é o caso de *desconhecer*).

6 Considerações Finais

Como vimos, os estudos sobre o prefixo *des-* podem ser divididos em duas vertentes: trabalhos que assumem que se trata de um caso de homonímia (FIGUEIREDO SILVA; MIOTO, 2009; SCHWINDT, 2001), considerando que existem prefixos independentes, com valores semânticos distintos, que coincidentemente apresentam a mesma forma fonológica, /des/– e trabalhos que propõem uma abordagem unificada desse afixo, defendendo que há um único prefixo *des-*, dotado de uma significação específica.

Os dados provenientes da literatura sobre negação afixal (CARTONI; LEFFER, 2011; JOSHI, 2012), por sua vez, reforçam a proposta de uma abordagem unificada para prefixos negativos como o *des-*, pois evidenciam que, embora esses afixos possam estar associados a noções semânticas ligeiramente

distintas, essas noções constituiriam apenas nuances, “tons” desse tipo de negação.

Embasados nas abordagens sintáticas de formação de palavra da MD e na decomposição da semântica verbal de Ramchand (2008), propomos que a diferença entre essas nuances ocorre por uma questão de escopo do prefixo na estrutura. Assim, defendemos que *des-* é um prefixo negativo que pode tomar diferentes escopos na estrutura sintática de formações verbais, o que gera leituras semânticas distintas.

Em nossa proposta, defendemos que, para a negação canônica, o escopo é mais alto, uma vez que o prefixo se anexa externamente à estrutura já categorizada. Já na nuance de reversão, o prefixo nega o estado resultante em uma estrutura de evento complexo, sendo, portanto, mais baixo e interno à predicação verbal.

Como questões residuais, ainda, faz-se necessário explicar a motivação para o fato de que, em alguns casos, a formação com negação canônica seja licenciada (*desconsiderar*) e, em outras, não (**desavaliar*). É importante ainda refletir sobre o que motiva a menor produtividade de formações com a nuance de negação canônica em verbos¹⁴. Esperamos que pesquisas futuras possam trazer luz a esse debate.

Referências

ACQUAVIVA, Paolo. *Roots and lexicality in Distributed Morphology*. Ms.: University College Dublin/ Universität Konstanz. 2008. Disponível em: <https://babel.ucsc.edu/~hank/mrg.readings/Acquaviva2008.pdf> Acesso em: 03/12/2022.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai; MELO, Nilton Duarte. Investigando a estrutura morfossintática das formações em *des-x-ar*: um enfoque no fenômeno da parassíntese. *Working Papers in Linguistics*, vol. 19, n. 1, p. 90-116, 2018.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai. *A Relação entre Gênero e Morfologia Avaliativa nos Nominais do Português Brasileiro*: Uma abordagem sintática da formação de palavras. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2015

¹⁴ Agradecemos ao trabalho dos pareceristas anônimos por terem apontado essas questões residuais através de uma leitura atenta e cuidadosa.

ARONOFF, Mark. Word formation in Generative Grammar. Cambridge, MA: MIT. 1976.

BASSANI, Indaiá de Santana; MEDEIROS, Alessandro Boechat de; SCHER, Ana Paula. Verbos denominais com prefixo des- no português do Brasil. In: SALLES, Heloísa; NAVES, Rozana Reigota (ed.) *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*: artigos selecionados do Encontro Nacional do Grupo de Trabalho Teoria da Gramática/2009, Cênone Editorial. 2011.

CARTONI, Bruno. LEFFER, Marie-Aude. Negation and lexical morphology across languages: insights from a trilingual translation corpus. *Studies in Contemporary Linguistics* 47(4), pp. 795–843. 2011. 81

DE BONA, Camila. *Os prefixos de negação des- e in- no PB*: Considerações morfossemânticas. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre. 2014.

DE BONA, Camila. RIBEIRO, Pablo Nunes. Sobre a produtividade e a semântica do prefixo des- no português brasileiro atual. *DELTA*. v. 34 n. 2. 2018.

DE CLERCQ, Karen. Negation in morphology. In: *The Oxford Encyclopedia of Morphology*. 2020.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; MIOTO, Carlos. Considerações sobre a prefixação. *ReVEL*, vol. 7, n. 12, 2009.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In S. J. Keyser & Kenneth Hale (eds.) *The View from Building 20*, MIT Press, Cambridge. 111-176. 1993.

JOSHI, Shikrant. Affixal Negation: Direct, Indirect and their Subtypes. *Syntaxe et sémantique*. n. 13, p.49-63. 2012.

LIEBER, Rochelle. Morphology and Lexical Semantics. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon, in University of Pennsylvania *Working Papers* 4.2. 1997.

MARANTZ, Alec. *Words*, Paper presented at the WCCFL, as a Keynote Speaker, at USC. 2001.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Para uma abordagem sintático-semântica do prefixo des-. *Revista da ABRALIN*, v.9, n.2, p. 95-121. 2010.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Prefixos, recursividade e a estrutura do sintagma verbal. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 56-86. 2016.

MOREIRA, Bruna. Building dispositional adjectives. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. e423, 25 Nov. 2021.

PEREIRA, Carlos Gustavo Camilo. A polissemia do prefixo “des-” em substantivos de ação com base em “-ção” e “-mento”. *Confluência*, n. 61, p. 335-371, jul.-dez. 2021.

PESETSKY, David. Morphology and logical form. *Linguistic Inquiry* 16 193–246. 1985.

QUADROS, Emanuel. Uma semântica unificada para o prefixo des- no Português. *Cadernos do IL*, Estudos Linguísticos, n. 63, dez., p. 194-217. 2021.

RAMCHAND, Gillian. *Verb meaning and the lexicon: a first phase syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

RIBEIRO, Pablo Nunes. Revisitando a Semântica Conceitual de Jackendoff: um estudo sobre a semântica verbal no PB sob a perspectiva da Hipótese Locacional. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; MINUSSI, Rafael Dias. Morfologia em Morfologia Distribuída. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 46, p. 9-29. 2013.

SCHWINDT, Luiz Carlos. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *DELTA*, São Paulo, vol. 17, n 2. p. 175-207. 2001.

[Artigo recebido em 31 de janeiro de 2023 e aceito em 5 de agosto de 2023.]